



## SEXUALIDADE E GÊNERO: O QUE PENSAM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Sexuality and gender: What think university students

Ângela Aparecida Pereira<sup>1</sup>

Lizete Dieguez Piber<sup>2</sup>

**Resumo:** O estudo “sexualidade e gênero: o que pensam estudantes universitários” foi realizado para compreender as percepções que estudantes universitários têm sobre a temática de sexualidade e gênero, bem como sua relação com o contexto universitário em que estão inseridos. O objetivo do estudo foi analisar a percepção sobre sexualidade e gênero de acadêmicos que estudam diferentes áreas do conhecimento. Os participantes foram 173 estudantes, incluindo ingressantes e concluintes, de quatro cursos de graduação. Os dados indicam que os participantes têm um entendimento dos conceitos de sexualidade, gênero, heteronormatividade, assexualidade e gênero não-binário, contudo, houve confusão sobre alguns termos associados a identidade, tanto de gênero, quanto sexual, enquanto algumas respostas apontam ignorância e preconceito. Além disso, os dados indicam que há poucos casos de assédio sexual e de preconceito na universidade; há pouca diversidade de identidade sexual e de gênero neste ambiente; há variação entre os cursos quanto à discussão deste tema; o compartilhamento de conhecimento da temática é feito principalmente através de debate entre colegas. Com base nessas informações, é notória a necessidade de se abordar o tópico de sexualidade e gênero em todo o ambiente universitário, criando, assim, um espaço mais acolhedor e inclusivo.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Estudantes.

**Abstract:** The study “sexuality and gender: what university students think” was carried out to understand the perceptions that university students have on the topic of sexuality and gender, as well as their relationship with the university context in which they are inserted. The objective of the study was to analyze the perception of sexuality and gender of academics who study different areas of knowledge. The participants were 173 students, including freshmen and seniors, from four undergraduate courses. The data indicates that participants have an understanding of the concepts of sexuality, gender, heteronormativity, asexuality and non-binary gender, however, there was confusion about some terms associated with identity, both gender and sexual, while some responses point to ignorance and prejudice. Furthermore, the data indicates that there are few cases of sexual harassment and prejudice at the university;

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Santo Ângelo. E-mail: angelaapereira@santoangelo.uri.br

<sup>2</sup> Professora orientadora, mestre em Educação Brasileira, docente do curso de Psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Santo Ângelo. E-mail: lizeted@san.uri.br



there is little diversity of sexual and gender identity in this environment; there is variation between courses regarding the discussion of this topic; sharing knowledge on the topic is done mainly through debate between colleagues. Based on this information, there is a clear need to address the topic of sexuality and gender throughout the university environment, thus creating a more welcoming and inclusive space.

**Keywords:** Gender. Sexuality. Students.

## INTRODUÇÃO

A temática de sexualidade e gênero está presente em vários contextos da sociedade, mesmo que indiretamente, pois fazem parte do viver, da identidade das pessoas, de como elas se relacionam. Um desses locais/contextos é a universidade. A questão do gênero, por exemplo, é imposta ao nascer, quando o indivíduo é definido como sendo homem ou mulher, sendo-lhe atribuído um papel social com base nessa definição, e assim, serão atribuídos estereótipos e outras incumbências pela sociedade em que se vive, podendo as atribuições serem diferentes de uma cultura para outra<sup>3</sup>.

Pode-se considerar que a sexualidade tem um caráter polimórfico, pois, de acordo com Bearzoti<sup>4</sup>, é algo fluido, que está sempre em movimento, não tendo um objeto ou forma fixa para obtenção de prazer. A sexualidade diz respeito ao prazer, as formas como o indivíduo sente o gozo, não somente em relação ao ato sexual/reprodutor. Borges e outros autores trazem que,

---

<sup>3</sup> LUNG, W. S.; RICCO, A. S. Gêneros e identidades: estigma e preconceito na percepção de estudantes universitários. **Destarte**, Vitória, v. 7, n. 1, p. 26-47, abr. 2017. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/destarte/article/view/377>. Acesso em: 02 jun. 2023.

<sup>4</sup> BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 52, n. 1, mar. 1994. [n.p.]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/W59S8nqc5BgP3ZYwgdqgdkF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.



na perspectiva de Foucault, a sexualidade é social e historicamente construída, ou seja, depende da cultura e das relações sociais estabelecidas, o que possibilita pensar em diferentes formas de viver e de construir identidades de gênero e sexuais.<sup>5</sup>

Os assuntos de sexualidade e gênero são muito importantes na adolescência, pois é quando o indivíduo passa por mudanças, sejam elas físicas ou psicológicas, e por descobertas. Quando o indivíduo entra para um curso de graduação da universidade, ele já passou pela maior parte da adolescência, no entanto, ainda continua tendo um período de autodescoberta, especialmente voltada para as áreas profissional e social. Muitas vezes, pode acontecer de o indivíduo mudar de cidade, ter um novo círculo social, além de começar a fazer parte de uma nova instituição, e essas mudanças podem levar o indivíduo a ter novas experiências e a influenciá-lo no seu processo de autoconhecimento e na percepção de sua sexualidade e de sua identidade de gênero.

Pessoas que não são heterossexuais, identificam algum gênero fora do binário de gênero e/ou não são cisgêneros sofrem mais preconceitos, violências e exclusão social por não se encaixarem em um padrão. Com dados de 2021, anunciados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 2022, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) relata que

[...] a violência contra a população LGBTQIA+ apresentou significativo crescimento, conforme evidenciado pelos dados do mesmo ano: 35,2% a mais de agressões, 7,2% a mais de homicídios e 88,4% a mais de estupro das pessoas identificadas como tais (FBSP, 2022).<sup>6</sup>

Tendo isso em vista, a comunidade LGBTQIA+ sofre com a violência e a discriminação em seu dia a dia, sendo necessário discutir sobre o tema de sexualidade

<sup>5</sup> BORGES, L. S. *et al.* Abordagens de Gênero e Sexualidade na Psicologia: Revendo Conceitos, Repensando Práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 33, n. 3, p. 730-745, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/7XgSJfLrgTxm3hqycZmrYKd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2023.

<sup>6</sup> CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Discriminação e violência contra a população LGBTQIA+**: relatório da pesquisa. Brasília: CNJ, 2022. p. 14. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-pesquisa-discriminacao-e-violencia-contra-lgbtqia.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2023.





e gênero para que haja maior inclusão e menos violência à diversidade, pois o desconhecimento é a principal causa da discriminação<sup>7</sup>.

Logo, a pesquisa justificou-se como necessária para que seja possível compreender melhor os alunos e descobrir o que eles pensam sobre sexualidade e gênero, tendo em vista o contexto universitário no qual os alunos estão presentes, conseqüentemente, para que fosse possível saber o quão inclusivo, o quão discriminatório e quão propício para a aquisição de conhecimento e para o acolhimento das diversidades é o ambiente universitário, para que, desse modo, possa-se criar intervenções adequadas para este contexto. Com o estímulo da inclusão, a universidade pode trazer um ambiente muito mais acolhedor e respeitoso, aumentando a empatia dos estudantes e professores, diminuindo preconceitos, violências e sofrimentos psíquicos, além de possibilitar mudanças na esfera de diferentes profissões.

A pesquisa buscou responder a pergunta “qual a percepção que estudantes universitários de uma universidade comunitária têm sobre os temas de sexualidade e gênero?” e o seu objetivo geral foi analisar a percepção sobre sexualidade e gênero de estudantes universitários de diferentes áreas do conhecimento de uma universidade comunitária. Os objetivos específicos foram: Compreender como os estudantes percebem sexualidade e gênero, heteronormatividade, assexualidade, gênero não-binário; Investigar se os estudantes tiveram aula na escola em que sexualidade e gênero foram abordados, e se não, se gostariam de ter tido; Verificar se a universidade (colegas, professores, amigos, currículo do curso, experiências tidas na universidade) influenciou na percepção que os estudantes têm dos temas; Averiguar se os estudantes já sentiram disforia de gênero; Identificar vivências de preconceito na universidade, como autor ou alvo; Identificar práticas de assédio sexual na universidade, como autor ou alvo; Detectar as diferenças de percepção dos

---

<sup>7</sup> LUNG; RICCO, 2017.



estudantes de diferentes cursos de mesmo nível; Conhecer as percepções dos estudantes de diferentes níveis do mesmo curso.

Quanto à metodologia, a pesquisa se caracterizou como descritiva e exploratória, de caráter quantitativo, com delineamento de levantamento.

O projeto foi apresentado para a banca de professores, e posteriormente foi enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, que aprovou e emitiu Parecer Consubstanciado de número 5.916.582.

A população foi composta por estudantes de uma universidade comunitária, sendo a seleção da amostra feita por intencionalidade, também denominada amostragem por tipicidade, onde a amostra foi escolhida intencionalmente pelo pesquisador.

A amostra foi constituída por 173 estudantes de quatro cursos da universidade, que aceitaram participar da pesquisa. Os estudantes deveriam estar matriculados no início e no final de um curso das áreas de Ciências Agrárias, de Ciências Humanas, de Ciências Sociais Aplicadas e de Engenharia e Ciências da Computação, sendo sorteados, respectivamente de cada área, os cursos de Agronomia, Psicologia, Direito, e Arquitetura e Urbanismo. Todos os alunos dos cursos escolhidos, sendo ingressantes e concluintes, poderiam participar, independentemente de sexo e de gênero, porém deveriam ser maiores de 18 anos.

Como instrumento de pesquisa foi realizado um questionário, com 18 questões que os participantes responderam sobre a sua percepção do tema sexualidade e gênero e as suas vivências relacionadas ao assunto. A análise de dados foi realizada através da análise de estatística descritiva e o programa excel foi utilizado para fazer a análise.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Gênero e Orientação sexual dos/as estudantes

Quanto ao gênero, os cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Psicologia têm mais estudantes que se identificam com o gênero feminino, sendo 100% das concluintes e 78,6% das ingressantes de Arquitetura, 75% das concluintes e 76% das ingressantes de Psicologia. O curso de Agronomia apresentou maioria masculina nas participações, sendo 75% dos concluintes e 58,1% dos ingressantes. Já no curso de Direito, houve maioria masculina na conclusão (53,3%) e maioria feminina no ingresso (58,3%).

Já nos grupos de ingressantes, tanto de Direito quanto de Psicologia, houve, respectivamente, 8,3% e 8% de participantes que escreveram outra resposta que não feminino/mulher ou masculino/homem. Destes participantes, 2 escreveram “heterossexual” (1 de Direito e 1 de Psicologia) e 4 (3 de Direito e 1 de Psicologia) escreveram o que entendem por gênero.

Quanto à orientação sexual, houve maioria heterossexual em todos os grupos, e também percebe-se que há maior porcentagem de heterossexuais nos grupos de concluintes do que de ingressantes de cada curso, exceto o de Agronomia, no qual de 41,7% dos concluintes escreveram “masculino”.

Nas quatro turmas de ingressantes e em duas turmas de concluintes, houve participantes que responderam que são bissexuais. Já os/as participantes que responderam que são homossexuais são 4,1% no ingresso de Direito e 4,2% no ingresso de Psicologia. Apenas uma participante, ingressante de Direito, respondeu que é bissexual e assexual. Houve ainda 5 participantes de Agronomia que escreveram “masculino”, 2 de Psicologia que escreveram “feminino” e 3 de Direito que escreveram o que entendem por orientação sexual.

Assim, pode-se perceber que, quanto ao gênero, não há muita diversidade, sendo a maioria das respostas, mais de 75% em cada curso, estando no binário masculino-feminino. Quanto à orientação sexual, há mais diversidade nos grupos de





ingressantes, embora ainda se tenha maioria estudantes heterossexuais.

Pode-se notar ainda que existe confusão em relação aos termos utilizados para dizer sua orientação sexual ou o seu gênero. Para Farias,

A identidade sexual (orientação sexual) tende a ser generalizada em quem a pessoa é, por quem se atrai, seja sexual e/ou romanticamente, como também é facilmente usada de modo errôneo para substituir identidade de gênero, causando problemas quando precisa-se explicar e entender as variantes expressividades humanas que estão fora do padrão aceito como normal.<sup>8</sup>

Na pesquisa, pode-se constatar que não só alguns participantes responderam sua orientação sexual no lugar do gênero, mas que outros/as participantes fizeram o contrário, confundindo o que seria orientação sexual com o que é considerado gênero.

Além disso, também percebeu-se que alguns participantes interpretaram as questões como perguntas sobre o que entendem por estes conceitos.

### **Compreensão de sexualidade**

A maioria dos/as participantes marcou a opção de “orientação sexual”, apresentando maior porcentagem no grupo de concluintes, sendo 41,7% de Arquitetura, 38,2% de Direito, e 31% de Agronomia. No grupo de ingressantes foram 32,5% dos participantes de Arquitetura, 25,8% de Agronomia, e 25,3% de Direito que a assinalaram. No curso de Psicologia, a porcentagem de ingressantes que marcaram essa opção foi maior, 33,9%, que a dos concluintes, 17,5%.

A sexualidade é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como

um aspecto central do ser humano ao longo da vida; ela engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas elas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos,

<sup>8</sup> FARIAS, I. S. C. J. Identidades – gênero, sexual e romântica. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 377-396, 2018. p. 379. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/12857>. Acesso em: 01 jun. 2023.



religiosos e espirituais.<sup>9</sup>

Em 5 dos 8 grupos, mais de 25% dos participantes compreendem a sexualidade como orientação sexual, a qual diz respeito à por quem e com que frequência o indivíduo sente atração sexual.

### **Compreensão de gênero e gênero não-binário**

A maioria dos/as participantes marcou a opção de “como a pessoa se identifica”, sendo dos concluintes: 57,1% de Arquitetura, 50% de Direito, 33,3% de Agronomia e 30,3% de Psicologia. Dos ingressantes foram: 46,2% de Arquitetura, 41% de Agronomia, 38,9% de Psicologia e 33,7% de Direito.

A maioria dos/as participantes marcou a opção de “gêneros que não sejam somente masculino ou somente feminino”, sendo dos concluintes: 42,9% de Arquitetura, 41,2% de Direito e 36,8% de Psicologia. Dos ingressantes foram: 47,1% de Arquitetura, 36,2% de Direito e 35,5% de Psicologia. Dos participantes de Agronomia, a maioria respondeu que não sabia.

Gênero, conforme Agreli<sup>10</sup>, é compreendido como uma construção histórico-social, sendo transformado conforme as mudanças ocorridas na sociedade, cada pessoa pode ter uma identidade de gênero, isto é, se identificar subjetivamente com um, mais ou nenhum gênero, e também pode ter uma expressão de gênero, a qual é a manifestação ou expressão dessa identidade.

Para a maioria dos participantes, ou seja, 30% de cada grupo, o gênero é compreendido como essa identificação subjetiva que cada pessoa possui, porém, poucos participantes entendem gênero como uma construção social. Alguns

<sup>9</sup> ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Tradução realizada por projeto interinstitucional entre Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Paraná, coordenadores do projeto: Daniel Canavese de Oliveira e Maurício Polidoro - Porto Alegre: UFRGS, 2020. p. 15. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564984>. Acesso em: 03 jun. 2023.

<sup>10</sup> AGRELI, M. S. **A inclusão da diversidade sexual na Universidade**. 2017. 176 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.





estudantes escreveram que é “como a pessoa nasce”.

Gênero, então, sendo uma identificação subjetiva, pode ir além do binário feminino-masculino, podendo ser tanto uma fusão destes dois, como a não-identificação com algum deles, e/ou ainda podendo ser fluído ou múltiplo<sup>11</sup>.

Mais de 30% de participantes de cada grupo marcaram que compreendem gênero não-binário como sendo gêneros que não sejam somente masculino ou somente feminino. Alguns estudantes, principalmente do curso de Agronomia, disseram não saber, enquanto poucos, 1 concluinte de Agronomia e 2 ingressantes de Direito, responderam que “isso não existe”, “pessoas confusas que não se conhecem” e “algo inventado pela comunidade lgbt”.

### **Compreensão de heteronormatividade**

A maioria dos/as participantes que marcou a opção de “acreditar que ser heterossexual é o padrão”, são dos grupos de concluintes (46,2%) de Agronomia, de concluintes (50%) e de ingressantes (60%) de Arquitetura, de ingressantes (47,5%) de Direito, de concluintes (47,6%) e de ingressantes (53,3%) de Psicologia.

Como mais de 45% dos participantes de 6 grupos marcaram, autores como Reis e Pinho<sup>12</sup> compreendem a heteronormatividade como acreditar que ser heterossexual é o padrão, pois pensa-se que tanto os relacionamentos sexuais, quanto os românticos devem ocorrer entre os dois sexos “homem” e “mulher”, considerando as genitais, os quais devem estar associados respectivos aos gêneros “masculino” e “feminino”, vistos como papéis sociais.

<sup>11</sup> LEMOS, P. M.; ANDRADE, A. G. de S.; CARDOSO, B. M. L. Subvertendo gênero: o lugar da não-binaridade numa análise discursiva de “blogs”. **Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 314-326, nov. 2020. Disponível em:

<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3132>. Acesso em: 25 maio 2023.

<sup>12</sup> REIS, N. dos; PINHO, R. Gêneros não-binários, identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, jan./abr. 2016. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045>. Acesso em: 01 jun. 2023.



### Compreensão de assexualidade

Muitos participantes, ou seja, mais de 60% de estudantes de 3 cursos, escolheram a opção “pessoas que não sentem ou que raramente sentem atração sexual” para responder como compreendem a assexualidade, sendo dos ingressantes: 86,7% de Arquitetura, 74,1% de Psicologia, 66,1% de Direito e 47,7% de Agronomia. Dos concluintes, foram: 80% de Arquitetura, 68,8% de Direito e 61,1% de Psicologia. A maioria dos concluintes de Agronomia assinalou a alternativa “não sei”.

A assexualidade é considerado um termo que abrange diversas orientações sexuais, que definem pessoas que não sentem atração sexual, ou que sentem pouco, de vez em quando ou depende de situações específicas, como a conexão emocional que se tem com outra pessoa. Ela não está relacionada ao quanto um indivíduo sente desejo sexual, se sente ou não atração afetiva/romântica, e/ou se está ou não em um relacionamento sexual<sup>13</sup>.

### Escola e discussão sobre sexualidade e gênero

A maioria dos participantes marcaram “não”, sendo 46,2% dos concluintes e 48,8% dos ingressantes de Agronomia, 80% das concluintes de Arquitetura, 43,8% dos ingressantes de Direito, e 40% dos ingressantes de Psicologia. Dos que marcaram “sim”, foram 42,9% dos ingressantes de Arquitetura, 53,3% dos concluintes de Direito e 50% dos concluintes de Psicologia.

O tema Orientação Sexual estava presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), implementados pelo Ministério da Educação (MEC) em 1997, era considerado uma temática transversal, isto é, um tema proposto para ser debatido por todos em todas as áreas do conhecimento, porém, sempre se teve dificuldades em trabalhar este tema visto que muitos professores veem a sexualidade como algo

<sup>13</sup> MARQUES, C. A. O (não) entendimento da assexualidade em uma sociedade sexonormativa: uma reflexão sobre como os aces são vistos pela massa. In: FERREIRA, R. J. S.; ALVARENGA, R. C. (org.) **Estudos Psicossociais: psicologia e comunicação**. São Luís: Edufma, 2020. p. 63-75.



biológico e a ser trabalhada apenas pelas Ciências Biológicas, além disso, questões afetivas acabam não sendo vistas, por irem de encontro a intimidade do indivíduo<sup>14</sup>.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que determina o conjunto de aprendizagens essenciais em instituições educacionais, aprovadas em 2017 para o Ensino Fundamental e em 2018 para o Ensino Médio, a sexualidade está presente somente na área das Ciências da Natureza, associada à saúde, o que implica em um retrocesso comparando à implementação dos PCNs vinte anos antes<sup>15</sup>. Já as questões de gênero não estão presentes na atual BNCC, e no PCNs, gênero é somente visto como um sinônimo para sexo<sup>16</sup>.

Assim, pode-se perceber que, embora a temática da sexualidade pode ter sido trabalhada nas escolas dos participantes que responderam sim, e até mesmo dos que não lembram, tenha sido abordada somente na área de Ciências Biológicas, ao tratar da anatomia e da saúde humana, considerando reprodução, gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), e desconsiderando questões que se relacionam a subjetividade da pessoa.

### **Conhecimento sobre o tema de sexualidade e gênero e a influência da universidade**

Sobre a influência da universidade, apresentou-se a opção de “não fui influenciado/acredito que não serei influenciado” com maior porcentagem de escolha nos seguintes grupos: concluintes (57,1%) e ingressantes (41,8%) de Agronomia, ingressantes (43,8%) de Arquitetura, concluintes (71,4%) e ingressantes (46,7%) de Direito e ingressantes (32,4%) de Psicologia. No grupo de concluintes de Arquitetura, 28,6% marcaram “não fui influenciado” e a mesma porcentagem marcou “colegas”. Já

<sup>14</sup> FRANCO-ASSIS, G. A.; SOUZA, E. E. F. de; BARBOSA, A. G. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 13662-13680, fev. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24374>. Acesso em: 02 jun. 2023.

<sup>15</sup> FRANCO-ASSIS; SOUZA; BARBOSA, 2021.

<sup>16</sup> FRANCO-ASSIS; SOUZA; BARBOSA, 2021.





o grupo de concluintes de Psicologia, somente 10% marcaram “não fui influenciado”, enquanto a maioria marcou (25%) marcou “colegas”.

Quanto a mudança do conhecimento que os participantes têm do tema, marcaram “sim, meu conhecimento aumentou/acredito que o meu conhecimento irá aumentar”, 26,7% dos ingressantes de Arquitetura, 46,7% dos concluintes e 34,7% dos ingressantes de Direito, e 58,3% dos concluintes de Psicologia.

Marcaram “sim, mas gostaria de mais instruções sobre o assunto/acredito que irei querer mais informações”, 40% das concluintes de Arquitetura e 50% dos ingressantes de Psicologia.

Assinalaram “não mudou/acredito que não irá mudar”, 58,3% dos concluintes e 41,1% dos ingressantes de Agronomia, 40% das concluintes e 26,7% dos ingressantes de Arquitetura.

Sobre a ocorrência de debate sobre o tema, encontramos as seguintes respostas: assinalaram “sim” no contexto debatido com colegas, com os concluintes sendo: 53,8% de Agronomia, 37,5% de Arquitetura, 32,4% de Psicologia e 31,3% de Direito. Dos ingressantes, foram: 46,7% de Psicologia, 35% de Direito, 34,6% de Agronomia e 33,3% de Arquitetura.

Pode-se perceber que a maioria dos/as alunos/as acredita que não tiveram ou que não irão ter sua percepção sobre o tema influenciada pela universidade, sendo a maioria de Direito (71,4% dos concluintes e 46,7% dos ingressantes), seguido de Agronomia, de Arquitetura e de Psicologia. Somente os grupos de concluintes de Arquitetura e de concluintes e de ingressantes de Psicologia, tiveram maior porcentagem na soma das opções “colegas”, “amizades”, “professores”, “experiências tidas na universidade” e “currículo do curso de graduação”, portanto, com mais de 50% de cada grupo acreditando ter sido influenciado pela universidade. Alguns ainda marcaram que a sua percepção foi influenciada por outros fatores, que não a universidade, como a família, o convívio social e os meios de comunicação.

Nota-se ainda a diferença entre os cursos em relação ao que os/as seus estudantes acreditam que o seu conhecimento sobre o tema possa ter mudado ou

# VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



poderá mudar ao longo do curso: os/as estudantes de Agronomia são os que mais acreditam não ter tido mudança (58,3% dos concluintes e 41,1% dos ingressantes), seguido dos de Arquitetura, dos de Direito e dos de Psicologia, estes últimos são os que mais marcaram que “sim, meu conhecimento aumentou” no caso dos concluintes e “sim, mas acredito que irei querer mais informações” no caso dos ingressantes. Assim, percebe-se que o curso de Agronomia tem um perfil mais conservador, enquanto os outros cursos se mostram mais interessados em saber mais.

Também se observa que as turmas de Psicologia são as que mais abordam o tema tanto em sala de aula, quanto só com os colegas ou com os professores, seguida das turmas de Direito. Nas turmas de Agronomia e de Arquitetura, há mais debate entre os colegas do que com os professores ou em sala de aula.

A universidade é um espaço de produção de conhecimento, de socialização e de formação de profissionais e cidadãos, porém, ainda assim, pode ser um espaço que continua reproduzindo estereótipos, valores conservadores e preconceituosos, além de manter a ignorância e invisibilizando ao não falar sobre a temática<sup>17</sup>.

Pode-se perceber que há diferenças entre os cursos de graduação quando se pensa na produção de conhecimento em sexualidade e gênero, sendo mais estudado por conta da formação profissional, algo que pode influenciar no interesse demonstrado pelos participantes e/ou na reprodução do conservadorismo. No entanto, nota-se menos diferenças quando se pensa na socialização na universidade, isto é, se observa em todos os cursos que há maior ocorrência de debate sobre o tema entre os colegas, estes impactando na percepção que o indivíduo tem do tópico.

<sup>17</sup> ALVES, R. de C. D. P.; SILVA, E. L. dos S. Universidade, Gênero e Sexualidade: Experiências curriculares e formativas de estudantes não heterossexuais na UFRB. **Gênero**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 82-98, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31253/18342>. Acesso em: 02 jun. 2023.; AGRELI, 2018.; BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. de; SILVA, C. S. F. da. Educação sexual e universidade: compreensões de graduandos sobre sexualidade e gênero. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 4, n. 4, p. 25-42, out./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/REBES/article/view/2563/2413>. Acesso em: 28 maio 2023.



## Disforia de gênero

Nesta questão, a maioria das respostas foi “não”, sendo 78,6% dos ingressantes de Agronomia, 92,9% dos ingressantes de Arquitetura, 86,7% dos concluintes e 81,3% dos ingressantes de Direito, 81,8% dos concluintes de e 95,8% dos ingressantes de Psicologia, e 100% dos concluintes de Agronomia e de Arquitetura.

A disforia de gênero, conforme Fleury e Abdo,

[...] é definida pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) como um problema clínico caracterizado pela incongruência afetiva e cognitiva de um indivíduo com o sexo que lhe foi atribuído ao nascimento, com intensidade suficiente para produzir sofrimento clinicamente significativo, comprometendo o funcionamento social, profissional ou outras áreas relevantes de sua vida.<sup>18</sup>

A maioria dos participantes, mais de 75% em cada curso, disse que nunca sentiu disforia de gênero, sendo percebido como algo positivo.

## Preconceito na universidade

Sobre os participantes que já foram alvo de preconceitos na universidade, a opção “não” foi marcada por 100% dos concluintes de Agronomia e das concluintes e dos ingressantes de Arquitetura. Nos outros cursos, as porcentagens foram um pouco menores: 88,1% dos ingressantes de Agronomia, 92,9% dos concluintes e 91,7% dos ingressantes de Direito, 66,7% dos concluintes e 75% dos ingressantes de Psicologia.

Marcaram “sexismo” e/ou “homofobia” apenas 3,6% dos ingressantes de Psicologia. Assinalaram “bifobia”, 2,1% dos ingressantes de Direito e 3,6% dos ingressantes de Psicologia. Escolheram “não quero responder” 7,1% dos ingressantes de Agronomia. Disseram “não tenho certeza”, 4,8% dos ingressantes de Agronomia, 6,3% dos ingressantes de Direito, 25% dos concluintes de Psicologia e 10,7% dos

<sup>18</sup> FLEURY, H. J.; ABDO, C. H. N. Atualidades em disforia de gênero, saúde mental e psicoterapia. **Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, v. 23, ed. 4, p. 147-151, out./dez. 2018. p. 149. Disponível em: [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/987487/rdt\\_v23n4\\_147-151.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/987487/rdt_v23n4_147-151.pdf). Acesso em: 04 jun. 2023.





ingressantes de Psicologia. Marcaram “outro”, 7,1% dos concluintes de Direito, 8,3% dos concluintes de Psicologia e 3,6% dos ingressantes de Psicologia.

Quanto a ter sido preconceituoso/a na universidade, a maioria dos/as participantes marcou “não”, sendo 84,6% dos concluintes e 73,9% dos ingressantes de Agronomia, 71,4% dos concluintes e 90% dos ingressantes de Direito, 75% dos concluintes de Psicologia, e 100% das concluintes e dos ingressantes de Arquitetura, e dos ingressantes de Psicologia.

Marcaram “sexista”, 7,7% dos concluintes e 2,2% dos ingressantes de Agronomia. Assinalaram “homofóbico”, 7,7% dos concluintes e 6,5% dos ingressantes de Agronomia, e 2% dos ingressantes de Direito. Marcaram “transfóbico”, 2,2% dos ingressantes de Agronomia e 4% dos ingressantes de Direito. Escolheram “bifóbico”, 2,2% dos ingressantes de Agronomia e 2% dos ingressantes de Direito.

Pode-se notar que não há muitos casos de preconceito na universidade, o que pode ser resultado do fato de ter pouca diversidade de gênero, sendo maioria identificada como masculina ou feminina, e/ou pouca diversidade de orientação sexual, sendo maioria identificada como heterossexual. Porém, pode ser resultado da naturalização de estereótipos e que, assim, acabam não sendo vistos como preconceitos.

De acordo com Brancaloni, Oliveira e Silva<sup>19</sup>, a universidade é um ambiente de convívio entre várias pessoas, onde circulam diversos tipos de compreensões e de questionamentos acerca da sexualidade e do gênero, especialmente por conta de uma fase de descobertas e experiências dos universitários, assim esse espaço também pode reproduzir e manter estereótipos e preconceitos sobre o tema.

---

<sup>19</sup> BRANCALEONI; OLIVEIRA; SILVA, 2018.



### Assédio sexual na universidade

Quanto a ter sofrido assédio sexual, a maioria dos/as participantes marcou “não”, sendo 91,7% dos concluintes e 92,9% dos ingressantes de Agronomia, 100% das concluintes e 78,6% dos ingressantes de Arquitetura, 71,4% dos concluintes e 93,8% dos ingressantes de Direito, 91,7% dos concluintes e 92% dos ingressantes de Psicologia.

Em relação aos participantes disseram que pensam que já cometeram assédio sexual, a maioria marcou “não”, sendo 91,7% dos concluintes e 92,9% dos ingressantes de Agronomia, 92,9% dos concluintes de Direito e 100% das concluintes e dos ingressantes de Arquitetura, dos ingressantes de Direito, dos concluintes e dos ingressantes de Psicologia.

Assim, pode-se pensar que não se tem muitos casos de assédio sexual e que isso não é um problema na universidade. Porém, também pode-se pensar que acontecem casos, mas que estes ou são ignorados, como uma das participantes escreveu na pergunta 17, ou não são vistos como uma situação de assédio. Segundo Diniz,

No que se refere ao assédio sexual nos espaços públicos e mais especificamente no espaço da universidade, o fenômeno ainda é tratado de forma incipiente. Não se sabe muito sobre qual sua extensão, como detectá-lo, quais os canais de denúncia, principalmente quando se trata de um(a) discente. Ademais, é muito difícil ter uma ideia da dimensão do problema, não tendo dados oficiais que o quantifique. Compreendemos que essa falta de estatísticas acaba por contribuir ainda mais na invisibilidade e consequentemente no enfrentamento do problema.<sup>20</sup>

Portanto, o assédio sexual na universidade é invisibilizado, sendo muitas vezes ignorado ou não identificado, mesmo quando pode-se notar “olhares com segundas intenções”, como trazido por uma das participantes.

<sup>20</sup> DINIZ, M. I. Quebrando o ciclo do silêncio: uma experiência extensionista sobre assédio sexual na universidade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS: 40 ANOS DA “VIRADA” DO SERVIÇO SOCIAL, 16., 2019. **Anais...** Brasília, 2019. p. 05.



## CONCLUSÃO

Os dados apreendidos mostram que há pouca diversidade de gênero e de orientação sexual na universidade e que os participantes compreendem os conceitos de sexualidade, gênero, heteronormatividade, assexualidade e gênero não-binário, porém, percebe-se que ainda há confusão sobre alguns termos, como as identificações de orientações sexuais e as identificações de gêneros, que são trocadas por alguns participantes, além disso, outros estudantes responderam algumas perguntas com preconceitos e estereótipos.

A discussão da temática na universidade varia de curso para curso, pois a abordagem do tema depende do quão relevante é para a formação profissional. Percebeu-se também que o debate entre colegas é uma das principais formas de compartilhamento de conhecimento a respeito do tema, validando a universidade como um espaço de socialização.

Como qualquer outro espaço de socialização, na universidade pode haver tanto produção de conhecimento quanto reprodução de preconceitos e de violências. Os dados trazem que não há muitos casos de preconceito nem de assédio sexual na universidade, no entanto, ambos podem estar tão naturalizados, que são ignorados, ou ainda, podem ser tão pouco percebidos por ter pouca diversidade sexual e de gênero.

Assim sendo, torna-se importante abordar mais a temática dentro da sala de aula, para a formação de cidadãos conscientes e críticos, e em toda a universidade, para se criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo, capaz de desnaturalizar os preconceitos e as violências já existentes. Portanto, é interessante realizar pesquisas com os docentes dos cursos para verificar o que eles compreendem e acreditam acerca da temática, como e se eles abordam ela em suas aulas e suas orientações.





## REFERÊNCIAS

- AGRELI, M. S. **A inclusão da diversidade sexual na Universidade**. 2017. 176 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.
- ALVES, R. de C. D. P.; SILVA, E. L. dos S. Universidade, Gênero e Sexualidade: Experiências curriculares e formativas de estudantes não heterossexuais na UFRB. **Gênero**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 82-98, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31253/18342>. Acesso em: 02 jun. 2023.
- BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 52, n. 1, mar. 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/W59S8nqc5BgP3ZYwgdqgdkF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- BORGES, L. S. *et al.* Abordagens de Gênero e Sexualidade na Psicologia: Revendo Conceitos, Repensando Práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 33, n. 3, p. 730-745, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/7XgSJfLrgTxm3hqycZmrYKd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2023.
- BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. de; SILVA, C. S. F. da. Educação sexual e universidade: compreensões de graduandos sobre sexualidade e gênero. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 4, n. 4, p. 25-42, out./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/REBES/article/view/2563/2413>. Acesso em: 28 maio 2023.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Discriminação e violência contra a população LGBTQIA+**: relatório da pesquisa. Brasília: CNJ, 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-pesquisa-discriminacao-e-violencia-contra-lgbtqia.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- DINIZ, M. I. Quebrando o ciclo do silêncio: uma experiência extensionista sobre assédio sexual na universidade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS: 40 ANOS DA “VIRADA” DO SERVIÇO SOCIAL, 16., 2019. **Anais...** Brasília, 2019.
- FARIAS, I. S. C. J. Identidades – gênero, sexual e romântica. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 377-396, 2018. Disponível

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE  
**GÊNERO E RELIGIÃO**  
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/12857>. Acesso em: 01 jun. 2023.

FLEURY, H. J.; ABDO, C. H. N. Atualidades em disforia de gênero, saúde mental e psicoterapia. **Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, v. 23, ed. 4, p. 147-151, out./dez. 2018. Disponível em:

[https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/987487/rdt\\_v23n4\\_147-151.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/987487/rdt_v23n4_147-151.pdf). Acesso em: 04 jun. 2023.

FRANCO-ASSIS, G. A.; SOUZA, E. E. F. de; BARBOSA, A. G. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 13662-13680, fev. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24374>. Acesso em: 02 jun. 2023.

LEMOS, P. M.; ANDRADE, A. G. de S.; CARDOSO, B. M. L. Subvertendo gênero: o lugar da não-binaridade numa análise discursiva de “blogs”. **Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 314-326, nov. 2020. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3132>. Acesso em: 25 maio 2023.

LUNG, W. S.; RICCO, A. S. Gêneros e identidades: estigma e preconceito na percepção de estudantes universitários. **Destarte**, Vitória, v. 7, n. 1, p. 26-47, abr. 2017. Disponível em:

<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/destarte/article/view/377>. Acesso em: 02 jun. 2023.

MARQUES, C. A. O (não) entendimento da assexualidade em uma sociedade sexonormativa: uma reflexão sobre como os aces são vistos pela massa. *In*: FERREIRA, R. J. S.; ALVARENGA, R. C. (org.) **Estudos Psicossociais: psicologia e comunicação**. São Luís: Edufma, 2020. p. 63-75.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Tradução realizada por projeto interinstitucional entre Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Paraná, coordenadores do projeto: Daniel Canavese de Oliveira e Maurício Polidoro - Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/i/item/9789241564984>. Acesso em: 03 jun. 2023.

REIS, N. dos; PINHO, R. Gêneros não-binários, identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045>. Acesso em: 01 jun. 2023.